

CORRELAÇÃO ENTRE GRAMATICALIZAÇÃO E MOVIMENTAÇÃO SOCIAL – ESTUDO DO ITEM *MEIO* NA CIDADE DE SÃO PAULO

Priscilla de Almeida NOGUEIRA¹

RESUMO

O presente projeto trata do processo de gramaticalização do item *meio*, ou seja, do deslizamento funcional operado por tal termo, tornando-o cada vez mais abstrato e mais gramatical. O estudo visa também à investigação das propriedades que esse item detém na expressão *meio que*, os contextos motivadores da sua união ao *que*, como também as propriedades do elemento *que* na expressão. Importante é para este trabalho, a investigação dos padrões funcionais desempenhados pelo item-fonte *meio*, empreendida em um estudo-piloto, que teve como *corpus* a língua falada culta na cidade de São Paulo. Nesta pesquisa foram identificados onze padrões funcionais, que foram analisados a partir da seqüência de categorias cognitivas proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) (pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade), procedendo à quantificação de ocorrências pertencentes a cada uma dessas categorias. A constituição da amostra tendência, que irá substituir o *corpus* de recontato, permitirá a verificação ou não de mudanças que possam ter ocorrido em relação aos dados que foram identificados e analisados a partir do *corpus* de contato, bem como a aplicação dos estágios propostos por Hopper (1991) a fim de identificar a que pressões são submetidos os itens para que deslizem funcionalmente. É, ainda, foco central deste projeto, a identificação de perdas e ganhos cognitivo-pragmáticos, que tenham ocorrido durante tal deslizamento funcional. A hipótese defendida é a de que mudanças serão identificadas na análise da amostra tendência.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização; mudança gramatical; estruturas X-que; meio; tendências linguísticas.

Fundamentação teórica

Entre os autores que discutem os fenômenos de mudança linguística está McMahon (1996), que, a exemplo dos demais linguistas que explicam o processo de

¹ USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Rua Sousa Reis, número 70, apto. 73B; CEP 05586-903; São Paulo (SP), Brasil. priscillanogueira27@gmail.com Bolsista da FAPESP.

gramaticalização, apresenta um histórico do termo *grammaticalisation*. Inicialmente, recorre a Meillet (1912:131), que define gramaticalização como um processo através do qual

palavras de uma categoria lexical plena, tais como nomes, verbos e adjetivos, tornam-se categorias gramaticais – como são as preposições, advérbios e auxiliares -, as quais num momento futuro podem se tornar afixos.

A extensão dessa definição tem se ampliado, e hoje é muito mais aceite que gramaticalização deve ser compreendido como um processo de mudança que pode afetar a morfologia, a fonologia, a semântica e a sintaxe.

Os trabalhos que lidam com esse processo, no entanto, podem tanto lidar com um dos sistemas lingüísticos, como explicam Harris & Campbell (1995: 19), mas podem também lidar com a inter-relação dos sistemas. Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991a:2) defendem a ampliação dessa conceituação:

where a lexical unit or structure assumes a grammatical function, where a grammatical unit assumes a more grammatical function, we are dealing with grammaticalization, a process that can be found in all languages known to us and may involve any kind of grammatical function.

Seguindo essa nova concepção, muitos trabalhos foram desenvolvidos no português do Brasil, tais como o de Lima-Hernandes (2005), o de Gonçalves (2003), só para citar alguns exemplos. Um caminho metodológico interessante é a combinação da descrição em sincronia e em diacronia. A observação do passado, mesmo que não seja muito remoto, pode favorecer o estudo das abstratizações pelo qual o termo/estrutura passou.

No processo de gramaticalização, ocorre a mobilização de conceitos concretos para a compreensão, esclarecimento e descrição de um fenômeno mais abstrato. É o que

podemos vislumbrar no deslizamento funcional operado pelo item *meio* até sua mudança na expressão “meio que”, como argumentaremos adiante.

Dois mecanismos estão envolvidos nesse processo: a metáfora e a metonímia. Na lingüística, diferentemente do que ocorre na literatura, a metáfora e a metonímia não são figuras de linguagem ou formas de tornar o texto esteticamente mais elaborado. São mecanismos de mudança.

Segundo os estudiosos, a metáfora ocorre através do processo de analogia. A transferência de um domínio conceptual para outro ocorre por intermédio da analogia que é estabelecida entre esses domínios. Já, a metonímia é promovida através do mecanismo de reanálise. O processo que resulta na metonímia é o de aproximação de significações, gerado, por sua vez, pela proximidade de formas lingüísticas. Acreditamos, contudo, que ambos os processos atuem de forma combinada na mudança gramatical.

A transferência de um domínio conceptual para outro provoca o deslocamento de um sentido mais concreto para um mais abstrato, ou seja, ocorre um processo de abstratização. Esse deslizamento promove uma recategorização e, neste ponto da mudança lingüística, um “elo” é “perdido”, a estrutura em mudança perde certo contato com sua origem. Esse “elo perdido²” é representado por uma ambigüidade semântica (HEINE et alii,1991a).

Interessantes são, neste ponto, as discussões de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, *apud* Lima-Hernandes, 2006) a respeito dos mecanismos motivadores do processo de gramaticalização, sendo eles: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção.

² Rótulo atribuído por Maria Luiza Braga ao ponto de ligação entre dois estágios na mudança.

A extensão metafórica caracteriza-se por meio de duas propriedades: 1. mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato; 2. preservação de algum traço da estrutura relacional original. A inferência remete diretamente à implicatura, pois, enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia, o ouvinte extrai todos os significados necessários à compreensão da asserção. Nesse processamento, muitas expressões codificadoras de categorias cognitivas são elididas por serem já conhecidas ou compartilhadas pelos interlocutores. (...) A generalização representa a perda de traços específicos de significado, com a conseqüente expansão de contextos apropriados para o uso. Para esse mecanismo, a frequência de uso mostra-se bastante relevante. A harmonia é um mecanismo restrito aos elementos gramaticais que se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico. Por isso, é aplicável a estágios mais avançados da gramaticalização. Por fim, a absorção representa a fase em que há a completa gramaticalização do item observado.

Durante o processo de gramaticalização, a perda de alguns traços e o ganho de outros pelo item podem gerar ambigüidades, que poderiam constituir um problema comunicativo entre falante e ouvinte. Tal questão é resolvida pela reanálise e pela analogia, processos cognitivos relacionados à metonímia e à metáfora. Esses processos provocariam a consolidação da nova forma e, assim, “a movimentação do processo de gramaticalização pode ser representada num *continuum* que tanto envolve a variação conceptual quanto a contextual” (HEINE *et alii* 1991, *apud* Lima-Hernandes 2006).

Retomando-se o que foi dito até agora acerca das definições da gramaticalização, essa se traduziria em uma transformação gradual de um elemento lexical em elemento gramatical ou de um gramatical a mais gramatical ainda, deslizamentos que funcionam como uma válvula de escoamento de itens lexicais em itens gramaticais. A sintaxe seria o instrumento por meio do qual se desenvolvem várias funções. O léxico constitui o início do processo de mudança, deslizando quase imperceptivelmente de um domínio mais concreto para um mais abstrato. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização representa um processo dinâmico que segue uma única direção de mudança. A unidirecionalidade torna-se, assim, questão de suma importância a ser abordada.

Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991b) apresentam a seguinte seqüência de categorias conceituais: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade. A noção de unidirecionalidade implica que as mudanças ocorrem sempre da esquerda para a direita e, neste caso, de categorias mais próximas do indivíduo, mais concretas, para categorias mais distantes do indivíduo, menos concretas.

Entre os argumentos de Traugott (1982), está um que vai contra o rótulo “*bleaching*” (desbotamento) empregado por Sweetser (1988) para se referir às perdas sofridas por uma estrutura durante o processo de mudança de um domínio para outro. Segundo Traugott, a idéia de perda é questionável, já que ganhos e manutenção de traços também poderiam ocorrer. Sweetser, de sua parte, esclarece o emprego de seu rótulo, argumentando que já é pressuposta a idéia de necessidade de novos significados em decorrência do “abandono”, e não perda, de outros significados. Em alguns casos, essa necessidade representa, inclusive, uma identificação de grupo, ou seja, a expressão é usada entre falantes pertencentes a uma determinada faixa etária ou determinado nível de escolarização, enfim, determinado grupo social, mas é rejeitada por falantes pertencentes a outros grupos. O processo de gramaticalização estaria, portanto, sempre ligado à idéia de equilíbrio, já que, de acordo com a proposta de Sweetser, “perdas” seriam sempre compensadas por ganhos.

A projeção metafórica, uma das etapas do processo de gramaticalização, é realizada mentalmente, assim tudo indica que ganhos e perdas de significados ocorrem, antes de tudo, em um plano cognitivo, não abruptamente, mas como um lento processo. Durante esse processo é inevitável a ocorrência de usos ambíguos. A ambigüidade, que é caracterizada como algo negativo nos manuais sobre a boa redação e que, na lingüística, é o resultado de uma etapa ainda confusa da mudança lingüística que está sendo processada, constitui-se em um efeito de sentido causado pelos deslizamentos.

Entre os elementos motivadores da instauração do processo de emergência lingüística está aquele que diz respeito à intenção do indivíduo de sempre inovar, atribuindo novos sentidos a formas velhas, guiado por leis de convivência, de grupo social, como por exemplo, faixa etária, de regras sociais. Entretanto, se a mente se manifesta através da linguagem, um outro elemento motivador torna-se inegável: o próprio sistema lingüístico.

Todavia, o elemento motivador relacionado à busca do indivíduo por inovação pode ser questionado, levando-se em consideração o fato de que nenhum indivíduo intervém no sistema lingüístico para inovar ou contrariar suas leis. Assim, fica clara a idéia de que

a mola propulsora do funcionamento lingüístico também alimenta essa possibilidade no indivíduo. Na verdade, a motivação para o processo de deslizamento vem de dois pólos imbricados em suas raízes: a língua e o falante dessa mesma língua.

(LIMA-HERNANDES, 2006).

Outro importante assunto relacionado à gramaticalização é a correlação *freqüência de uso e derivação categorial*, que instaurou polêmica discussão entre os lingüistas. Esta correlação é vinculada à discussão das *variáveis* que podem interferir no estudo de rotas de gramaticalização.

Categoricamente, não se percebe uma correspondência satisfatória entre alta freqüência de uso e estruturas que estão sendo gramaticalizadas, já que itens inovadores assumem baixa freqüência no discurso. Talvez valesse a pena discutir *freqüência* num quadro mais restrito de estratificação diastrática.

Algumas conclusões podem ser tiradas a partir dos fatos de que os itens gramaticais são mais freqüentes do que os lexicais e são também mais abstratos, mais generalizados do que esses últimos. Uma das conclusões é a de que a repetição é um elemento motivador do processo de abstratização. Outra conclusão é a de que a

repetição é um dos efeitos da gramaticalização, já que quanto mais gramatical for um item mais ele será repetido. Portanto, a relação entre frequência de uso e gramaticalização seria a seguinte: “o aumento da frequência é *resultado e facilitador* do processo de gramaticalização.” (LIMA-HERNANDES, 2006).

O Grupo de Pesquisa “Mudança Gramatical no Português”, ao qual este projeto se vincula, tem acompanhado de perto processos relacionados à questão da repetição. Tem-se verificado, com base em Heine (1991), que quatro estágios associam-se à gramaticalização:

a) **habituação** – resulta da repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural de sua força e frequência de seu significado original. (...); b) **automatização** (de seqüência ou unidades) – tem como efeito o uso em bloco em determinado contexto. GR = repetição gera autonomia do item, cujo efeito é que componentes da construção enfraquecem ou perdem associação com outros usos desse mesmo item. Se um mesmo padrão de inferência ocorre frequentemente com uma construção em particular, essas inferências podem se tornar parte do sentido dessa construção; c) **redução da forma** – ocorre com o enfraquecimento e reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações. (...); d) **emancipação** – funções mais instrumentais > funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico. GR = autonomia de uma oração frequente torna-a mais arraigada na língua e a frequência condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas. (*apud* Lima-Hernandes, 2006).

Esses pontos teóricos explanados servirão de base para o desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica ora proposta, tanto com relação à habituação quanto à sua emancipação gramatical.

Problema

Através da ordenação de categorias cognitivas apresentada por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) (pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade) pode-

se observar um processo de abstratização, já que, de acordo com a idéia de unidirecionalidade, as mudanças se deslocariam sempre da esquerda para a direita e, então, de categorias mais concretas para categorias menos concretas. Assim, essa unidirecionalidade traduz-se na abstratização funcional de um termo e essa direção de deslizamento funcional seria passível de medição por meio da organização das categorias de Heine *et alii* (1991b) com a análise dos dados referentes ao item “meio”.

Ainda com referência a esse item, o presente projeto visa à investigação das propriedades que ele detém na expressão “meio que”, os contextos motivadores da sua união ao “que”, como também as propriedades do elemento “que” na expressão. De suma importância para esta pesquisa é a investigação dos padrões funcionais desempenhados pelo item-fonte “meio”, empreendida num estudo-piloto que auxiliou, sobremaneira, a reconhecer a mudança operada no *corpus* da língua falada culta na cidade de São Paulo (Corpus PHPP, INFORME, 2004). Foram onze os padrões funcionais identificados, que estão ordenados abaixo segundo uma noção de abstratização crescente:

MEIO 1 – numeral indicativo do que é duas vezes menor que a unidade. Remete às acepções 1 do dicionário Houaiss & Villar (2001) e 21 do dicionário Novo Aurélio (1999). O dado identificado é associado à categoria cognitiva de pessoa.

(1) importou mais de um milhão e MEIO de imigrantes [P.P.]

MEIO 2 - substantivo indicativo de posição medial entre dois pontos extremos ocupada no espaço físico por um objeto. Remete às acepções 5 do dicionário Houaiss & Villar (2001) e 4 do dicionário Novo Aurélio (1999). Preponderantemente associado às categorias cognitivas de objeto e espaço.

(2) Tudo que se referia ao prédio do MEIO foi boicotado pela Diretoria anterior [S.H.]

MEIO 3 – valor indicativo de uma quantidade de tempo duas vezes menor do que aquela expressa pelo substantivo. Remete às acepções 20.1 do dicionário Houaiss & Villar (2001) e 21 do Novo Aurélio (1999), que não apresenta uma acepção específica para a noção de tempo, como o primeiro dicionário.

(3) acabei fazendo esse projeto e indo para lá para ficar um ano e MEIO [LCML]

MEIO 4 – substantivo indicativo da segmentação dimensional (geográfica ou quantitativa) de um elemento concreto ou abstrato, também substantivo. Remete às acepções 2 do dicionário Houaiss & Villar (2001) e 3 do Novo Aurélio (1999). Preponderantemente associado à categoria cognitiva de objeto.

(4) No MEIO do caminho, ele parou e me perguntou se eu era vaidoso [A.A.S.]

MEIO 5 – substantivo indicativo da segmentação transversal de um objeto que pode ser empregado como instrumento para uma ação. Remete às acepções 6 e 7 do dicionário Houaiss & Villar (2001) e 8, 10, 11 e acepção “por meio de” do dicionário Novo Aurélio (1999). Preponderantemente associado às categorias cognitivas de objeto e de instrumento. Alguns usos integram expressões de caráter circunstancial.

(5) a verdade é sempre desvendada por MEIO de uma série coerente de sinais [G.R.M.S.]

MEIO 6 – substantivo indicativo de situação de permeio assumida por um elemento. Preponderantemente associado à categoria cognitiva de espaço. Não se associa às acepções listadas no dicionário Houaiss & Villar (2001), associando-se à acepção 5 do dicionário Novo Aurélio (1999).

(6) Aqui na Faculdade havia os olheiros do DOPS, infiltrados no MEIO dos alunos [M.C.]

MEIO 7 – substantivo locativo indicativo da totalidade de um recorte abstrato do espaço físico. Remete às acepções 9 do dicionário Houaiss & Villar (2001) e 6 e 7 do Novo Aurélio (1999). Preponderantemente associado à categoria cognitiva de espaço.

(7) aquela efervescência política do MEIO universitário [A.V.]

MEIO 8 – substantivo indicativo do processo desenvolvido no tempo. Não se associa às acepções listadas no dicionário Houaiss & Villar (2001) ou no Novo Aurélio (1999). Preponderantemente associado às categorias cognitivas de tempo e de processo.

(8) Esse é um episódio cômico no MEIO de tanta coisa trágica que aconteceu naquele período [A.A.A.]

MEIO 9 – advérbio quantitativo modificador de adjetivos, indicativos de uma avaliação qualitativa. Remete às acepções 24 do dicionário Houaiss & Villar (2001) e 22 do Novo Aurélio (1999). Preponderantemente associado à categoria cognitiva de qualidade.

(9) Aquilo virou um momento MEIO mágico e MEIO delirante de exercício de liberdade [A.V.]

MEIO 10 – advérbio modificador de verbos. Não se associa às acepções listadas no dicionário Houaiss & Villar (2001) ou no Novo Aurélio (1999). Preponderantemente associado à categoria de qualidade, posto que estabelece um valor aproximativo.

(10) era um pianista de primeira, e estava MEIO interrompendo a carreira para se dedicar às letras [L.C.M.L.]

MEIO 11 – locução de valor discursivo-pragmático composta pelo item sob análise predominantemente seguido da partícula QUE. Não se associa às acepções listadas no dicionário Houaiss & Villar (2001) ou no Novo Aurélio (1999). Sinaliza uma avaliação com certo grau de imprecisão. Funcionaria como um evidencial na situação comunicativa. Preponderantemente associado à categoria cognitiva de qualidade.

(11) A Faculdade estava MEIO QUE dividida entre a união, nas Letras, e a divisão [R.B.]

(12) e o Reitor, MEIO A contragosto – o que só vim a saber tempos depois – nomeou-me Diretor [EOF].

Resta uma observação, após a apresentação desses resultados. O item “meio” presente na passagem seguinte se apresenta ambíguo, podendo ser classificado como pertencente ao MEIO 4 ou ao MEIO 8:

(11) Foram anos de combate desigual, quando MEIO resistia à irrupção dos licenciados (EOF)

Iniciando a análise dos padrões funcionais desempenhados pelo item “meio” a partir da seqüência de categorias cognitivas proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b), procedemos à quantificação de ocorrências pertencentes a cada uma das categorias, chegando aos seguintes resultados:

 pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

 1 13 4 10 7 23

A categoria mais freqüente é a mais gramaticalizada: “qualidade”, constituída por ocorrências em que o item “meio” modifica adjetivos e verbos e pelas locuções “meio que” e “meio a”. Tais padrões funcionais são inovadores, mas apenas o “meio” modificador de adjetivos é descrito pelos dicionários Houaiss & Villar (2001) e Novo Aurélio (1999). Todos os casos identificados pertencentes a esses padrões são dotados de polaridade negativa parcial, cuja atuação é percebida quando a locução quer transmitir uma idéia de valor aproximado. No exemplo dado na descrição de MEIO 9, nota-se que o momento descrito não foi totalmente “mágico”, nem totalmente “delirante”. No exemplo de MEIO 10, o que se tem é uma quase interrupção, o evento

ocorrido não poderia ser classificado como uma interrupção totalmente. Assim como nos exemplos de MEIO 11, a idéia que se tem não é a de que a Faculdade estava decididamente dividida, nem a de que o Reitor fez a nomeação totalmente “a contragosto”. As expressões pertencentes ao último padrão descrito podem desempenhar variadas funções. Fazendo uso da idéia de valor aproximado que é transmitida, elas podem funcionar como atenuadoras. Assim, a nomeação realizada pelo Reitor poderia ter ido totalmente contra a sua vontade, e o informante poderia, inclusive, estar a par desta informação. Para atenuar tal desconfortável situação, a expressão “meio que” teria sido utilizada. Essa estrutura possui a função de permitir ao falante não se comprometer totalmente com o que está proferindo.

A categoria “objeto”, bem distante de “qualidade” na seqüência acima, apresentou a segunda maior freqüência: 26%. Apesar de localizar-se mais à esquerda e de, assim, dever ser dotada de valor mais concreto, os dados aqui coletados e analisados demonstram um caráter não tão concreto. No exemplo (4), a idéia que se tem não é a de que a pergunta foi dirigida ao informante exatamente no meio do caminho que ele seguia, mas sim, a de que, em algum ponto, a caminhada foi interrompida e uma pergunta foi feita. O item “meio”, aliás, é usado apenas duas vezes para significar literalmente uma posição medial: trata-se do único exemplo constituinte do MEIO 2 e da ocorrência “ (...) começo, MEIO e fim (...)” [LCML]. Um caráter ainda menos concreto é notado em “(...) por MEIO de uma série coerente de sinais (...)” [GRMS]. A possível substituição de “por meio” por “através” parece conferir essa noção de menor concretude. Portanto, a categoria “objeto”, a segunda mais freqüente, também é dotada, em sua grande parte, de um caráter não tão concreto.

Logo abaixo nessa escala de freqüência está a categoria “espaço”, com 20% das ocorrências, sendo que a maior parte pertence ao MEIO 7, possuindo, portanto, um

caráter mais abstrato, já que esse padrão funcional é descrito como “substantivo locativo indicativo da totalidade de um recorte abstrato do espaço físico (...)”. O MEIO 6 também possui exemplos dotados de maior abstratização: “Continuo a passear em MEIO às recordações (...)” [EOF]. A categoria “espaço” parece possuir um caráter ainda menos concreto do que o apresentado pela categoria “objeto.”

A categoria “processo” é inteiramente constituída pelas ocorrências pertencentes ao MEIO 8. Analisando-as, é possível verificar um caráter também mais abstratizado. O item “meio”, nesses casos, parece sugerir uma idéia de ocorrência de determinado evento simultaneamente a vários outros acontecimentos. No exemplo dado para explanar o MEIO 8, tem-se a noção do “episódio cômico” ocorrendo juntamente a uma série de acontecimentos trágicos. Em outra passagem, nota-se uma idéia semelhante: “Veio depois o doutorado em MEIO ao atropelo das aulas (...)” [EOF]. O item “meio” sugere, aqui e em outras categorias, novas idéias, não descritas pelo dicionário Houaiss & Villar (2001) ou pelo Novo Aurélio (1999).

A categoria “tempo” difere pouco da “processo”, pois possui, além dos elementos que constituem o MEIO 8, as ocorrências constituintes de MEIO 3, que, entretanto, são decisivas para classificar tal categoria como mais concreta, ou menos abstrata, que a “processo”. No caso “ (...), acabei fazendo esse projeto e indo para lá para ficar um ano e MEIO.” [LCML], o item estudado significa *metade da quantidade de tempo expressa pelo substantivo*, segundo a acepção 20.1 do dicionário Houaiss & Villar (2001), possuindo, portanto, um caráter concreto. A única ocorrência mais concreta que essa última apresentada seria a seguinte: “(...), importou mais de um milhão e MEIO de imigrantes, (...)” [P.P.]. O item nesse caso significa, segundo a acepção 1 do mesmo dicionário, *que ou o que é duas vezes menor que a unidade*, sendo essa ocorrência a única que se associa à categoria cognitiva “pessoa”.

Há, porém, uma importante observação a ser feita. Os dois últimos casos acima citados pertenceriam a mais de uma categoria. O item estaria ligado também à categoria “qualidade”, devido a seu caráter qualificativo. “Meio” estaria qualificando “ano” e “imigrantes”.

A constituição da amostra tendência, que irá substituir o *corpus* de recontato³, permitirá a verificação da permanência ou não das frequências acima, bem como a aplicação dos estágios propostos por Hopper (1991) a fim de identificar a que pressões são submetidos os itens para que deslizem funcionalmente. A idéia que está por trás, por exemplo, do estágio chamado persistência é o que Ricouer (1986), retomado por Claudi e Hünemeyer (1991), argumentava sobre o fato de itens lingüísticos terem a capacidade de adquirir e reter novos sentidos sem que, ao menos, perca os velhos. É, assim, foco central desta pesquisa a identificação da mudança desses deslizamentos e a explanação desse processo em termos de sua contabilização: identificando perdas e ganhos cognitivo-pragmáticos.

Em suma, sabe-se que a gramática muda e o processo de gramaticalização age sem um ponto de conclusão, mas muito pouco se sabe a respeito da evolução dos falantes e das mudanças operadas na gramática durante sua fase adulta.

Justificativa

No estudo-piloto empreendido durante o 2º semestre/2007, na fase de estudos para a elaboração deste projeto, identificamos e descrevemos padrões funcionais assumidos pelo item “meio” que não remetem às acepções listadas no dicionário

³ Explicação a essa substituição se encontra no item “Metodologia” do presente projeto.

Houaiss & Villar (2001) ou no Novo Aurélio (1999) e que, portanto, trazem questionamentos. Observemos as acepções dicionarizadas:

meio *num. 1 n.frac. (adj.s.m.)* que ou o que é duas vezes menor que a unidade *s.m.* **2** parte de uma coisa equidistante de seus bordos, do seu princípio e fim, de suas extremidades; metade (*o m. de um segmento de reta*) (*o m. de um capítulo*) (*rachar ao m. uma tábua*) **3** o centro de um espaço; lugar que dista igualmente de todos os pontos a seu redor (*o m. de uma circunferência*) **4** momento que separa em duas partes iguais um espaço de tempo considerado; metade (*o m. da tarde*) (*o m. do ano*) **5** aquilo que ocupa uma posição entre duas ou mais coisas (*a janela do m. era menor que as outras*) **6** possibilidade de fazer qualquer coisa; expediente, método, fórmula, receita, plano, maneira, modo (*achar um m. de fazer fortuna*) (*tentou de todos os m. possíveis*) (*um m. simples e eficaz*) (*não há m. de livrar-se daquele importuno*) **7** aquilo que serve para ou permite alcançar um fim (*valer-se de qualquer m.*) (*será que o fim justifica os m.?*) **8** conjunto de elementos materiais e circunstanciais que influenciam um organismo vivo (*adaptação ao m.*) (*a relação dos seres vivos com o seu m.*) **9** grupo social, como aquele estabelecido pela família, profissão, classe econômica, contexto geográfico, etc., a que pertence uma pessoa (*m. familiar*) (*m. literários*) (*saiu de um m. modesto*) (*m. provincianos*) **10** procedimento, objeto, instrumento que permite a realização de algo (*dispor de meios de controle*) (*m. de expressão*) (*m. de transporte*) **11** *fig. B N. E. p. us. M. Q. MODERAÇÃO* (*ter m. nas discussões*) **12** BAIL conjunto de passos e exercícios trabalhados fora da barra, no centro da sala de aula **13** FÍS região espacial que contém ou não matéria e na qual ocorrem fenômenos físicos **14** FISQUÍM elemento material, substância ou ambiente, no seio do qual se produzem certos fenômenos **15** HIP B N. E. marcha do cavalo mais apressada que a estrada e menos rápida que a bralha **16** MAR B N.E. cada um dos paus, os mais delgados, localizados no centro de uma jangada de seis paus [*Na de cinco paus há apenas um meio.*] **17** MARN cada uma das ordens em que são divididos os talhos das salinas **18** MAT designação que recebem o segundo e terceiro termos de uma proporção *meios s.m.pl.* **19** recursos financeiros; haveres, proventos (*uma pessoa que tem m.*) *adj.* **20** que indica a metade de um todo (*uma m. garrafa, m. maçã, m. litro*) **20.1** de valor equivalente à metade da quantidade de tempo expressa pelo substantivo (*dois anos e m., três horas e m. ou três e m.*) **21** que, por suas dimensões, natureza ou caráter, está em posição ou condição intermédia; meão, mediano, médio (*mulher de m. altura*) (*homem de m. saber*) (*a m. caminho*) **22** que se apresenta de forma moderada; pouco intenso (*um m. sorriso*) (*uma m. temperatura*) *adv.* **23** por metade, não totalmente (*uma tarefa meio acabada*) **24** algo, um tanto, um pouco (*hoje ela acordou meio tristonha*) (HOUAISS & VILLAR, 2001)

meio1 [Do lat. mediu, por via popular.] S. m. 1. Ponto equidistante, ou mais ou menos equidistante, dos extremos; metade: 2 2 2. Ponto equidistante, ou mais ou menos equidistante, de diversos outros em sua periferia; centro: 2 2 3. Momento equidistante, ou mais ou menos equidistante, do início e do fim; metade: 2 2 4. Posição intermediária entre dois seres ou objetos: 2 5. Situação de permeio:

2 6. Lugar onde se vive, com suas características e condicionamentos geofísicos; ambiente: 2 7. Esfera social ou profissional onde se vive ou trabalha; ambiente, círculo: 2 8. Recurso(s) empregado(s) para alcançar um objetivo; expediente, método: 2 2 9. Maneira de agir; modo, forma, caminho, maneira: 2 10. Aquilo que exerce uma função intermediária na realização de alguma coisa; via, caminho: 2 2 11. Poder para praticar uma ação; possibilidade, capacidade, maneira: 2 12. Marn. Cada uma das ordens em que se subdividem os talhos das salinas. 13. Mat. Denominação comum ao segundo e terceiro termos de uma proporção. 14. Fís. Corpo ou ambiente onde ocorrem determinados fenômenos especiais. 15. Conjunto de exercícios que, sem apoio de barra, os bailarinos executam no meio da sala de aula. 16. Bras. N.E. Andadura do cavalo, mais rápida que a estrada (6) e menos que a baralha. 17. Bras. N.E. Na jangada (4), cada um dos dois paus roliços situados junto à mediania (4) da embarcação. 18. Bras. Chulo O ânus. Adj. 19. Incompleto, inacabado: 2 2 20. Que encerra um conteúdo pela metade: & V. --a dúzia. Num. 21. Metade de um; metade da unidade; um meio: 2 2 2 ~ V. Meios. Adv. 22. Por metade; um pouco; um tanto; quase: 2 [Há muitos exemplos, no português antigo como no moderno, desse advérbio flexionado (caso de concordância por atração): & & & &] u Meio ambiente. 1. O conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos vivos e os seres humanos. u Meio a meio. 1. Em duas partes iguais; pela metade: 2 2. Em regime de sociedade, no qual cada parte fica com metade de alguma coisa; a meias, de meia. U Meio circulante. Econ. 1. Total dos meios de pagamento [v. meio de pagamento (2)] .u Meio da rua. 1. V. olho da rua. u Meio de comunicação. Teor. Com. 1. Canal ou cadeia de canais que liga a fonte ao destinatário (ou o emissor ao receptor) na transmissão de uma mensagem -- p. ex., a televisão, a telegrafia, a fala/audição, a página impressa, etc.; veículo de comunicação. u Meio de mundo. Bras. N.E. 1. V. cafundó (3). u Meio de pagamento. Econ. 1. Instrumento ger. aceito na compra de mercadorias e serviços e na quitação de dívidas. 2. Nas economias modernas, papel-moeda e moedas metálicas em poder do público, e os depósitos à vista do público nos bancos. u Meio do mundo. Bras. N.E. 1. V. cafundó (3). u Meio exterior. 1. A água, o ar, a terra. u Meio geográfico. 1. Conjunto de características que influem na vida dos seres vivos sobre a Terra. u Meio interno. Fisiol. 1. O conjunto formado pelos espaços intravascular, intersticial, transcelular e intracelular. u Meios de comunicação de massa. 1. Meios ou veículos utilizados na comunicação de massa (q. v.): mass media. u Meios de produção. Econ. 1. Em economia marxista, elementos que constituem a condição material da produção (7), e que compreendem os objetos de trabalho (q. v.) e os instrumentos de produção (q. v.).[Cf. modo de produção.] u De meia. Pop. 1. V. meio a meio (2): & u Embolar o meio de campo. 1. Bras. Causar confusão ou embaraço; atrapalhar. u Em meio. 1. Pelo meio. u Pelo meio. 1. Sem estar concluído; sem ter chegado ao fim; em meio: 2 u Por meio de. 1. Por intermédio de; pelo emprego de; mediante: 2 meio2 S. m. Bras. RS 1. V. Meio-real. (NOVO AURÉLIO, 1999)

Todas as acepções incluídas na entrada *meio*, apresentadas por esses dicionários, seguem os modelos descritivos amplamente abarcados pelo ensino normativo. Em estudo-piloto previamente realizado, já verificamos, no entanto, que outros usos de maior relevância discursivo-pragmática já estão em uso na língua falada culta na cidade de São Paulo. A constituição da amostra do tipo *tendência* possibilitará um estudo mais minucioso da frequência de uso dessas ocorrências não descritas pelo dicionário, bem como a identificação, descrição e explanação de mais casos inovadores que tenham o item *meio* em sua base.

Ao mesmo tempo, uma análise desta natureza resolverá um impasse sobre os estudos da gramaticalização em face das descobertas dos trabalhos sobre aquisição de linguagem (de caráter formalistas), que deslocam para o centro da mudança lingüística a criança já em seu bioprograma, e mesmo os sobre os usos sociolingüísticos (de caráter funcionalistas), que deslocam para o centro da mudança o adolescente que transgride regras de uso.

Hipóteses

Contrariamente à concepção tradicional de que a gramática dos indivíduos se cristaliza em algum momento, este projeto tem como hipótese a idéia de que o adulto continua empreendendo inovações lingüísticas, guiadas pela gramaticalização. Na análise da amostra *tendência*, poderão ser notadas mudanças em relação aos dados levantados no *corpus* de contato em face da nova amostragem realizada. As frequências de cada categoria cognitiva provavelmente se alterarão.

Em relação ao item “que”, no padrão funcional *meio que*, pode ser que este elemento assuma na expressão estudada uma função de marcador de discursividade, talvez um evidencial, tópico a ser avaliado no decorrer desta pesquisa.

Metodologia

Inicialmente, intencionava-se adotar uma amostra de recontato (painel), razão motivadora da constituição do *corpus* para o estudo-piloto. Entretanto, dificuldades foram encontradas: indisponibilidade, inacessibilidade, falecimento de vários dos informantes, e não pudemos, de fato, comprovar a atuação desse processo em tempo real, com relação ao falar culto. Resta-nos, portanto, uma nova empreitada que preserve traços sociolingüísticos do falante sem necessariamente contar com os mesmos informantes. É a proposta que subjaz à amostra do tipo tendência, adotada como método de constituição de *corpus* nesta pesquisa, que permitirá investigar se a gramática de indivíduos adultos cultos pode se alterar em decorrência dos contatos estabelecidos socialmente. Por esta razão, torna-se também possível a apreensão das rotas de gramaticalização empreendidas pela estrutura analisada.

A análise da amostra tendência se fará por meio do mesmo método utilizado no exame do *corpus* de contato, ou seja, realizando um tratamento quantitativo seguido de um tratamento qualitativo das diferenças de propriedades identificadas nos dados. Do mesmo modo, as acepções da palavra *meio* listadas nos dicionários Houaiss & Villar (2001) e Novo Aurélio (1999) continuarão a ser consultadas, acrescidas nesta fase de estudo da evolução histórica do item por meio de sua etimologia e de registros lexicográficos em épocas distintas.

Referências bibliográficas

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – 3ª edição*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 (pp. 1309 – 1310).

GONÇALVES, S. C. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor. Campinas: UNICAMP, 2003.

HARRIS, Alice C. & CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995 (pp.19-20)

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. From cognition to grammar – evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) *Approaches to grammaticalization. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991a (pp. 2 / pp. 149-187)

_____. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991b.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.17-36)

HOPPER, Paul J. and TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (pp. 1883).

INFORME da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2004.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia P. *Rotas de Gramaticalização no Português do Brasil: Estruturas X-que no Português culto e o impacto das contribuições paulistas de 1995 a 2005*. São Paulo, 2006.

_____. *A Interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como - sincronia e diacronia*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor. Campinas: UNICAMP, 2005.

MACMAHON, April M.S. *Understanding Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965 [1912].

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

SWEETSER, Eve E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. In: AXMAKER, Shelley; JESSIER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.) *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988 (pp.389-405).

TRAUGOTT, Elizabeth. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W. , MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982 (pp. 245-271).